

# DESAFIOS PROFISSIONAIS EM UM CENTRO DE REABILITAÇÃO PARA CRIANÇAS AUTISTAS

*PROFESSIONAL CHALLENGES IN A REHABILITATION CENTER FOR AUTISTIC CHILDREN*

*RETOS PROFESIONALES EN UN CENTRO DE REHABILITACIÓN PARA NIÑOS AUTISTAS*

Ernandes Gonçalves Dias<sup>1</sup>  
Emilly Kamila Cardoso Almeida<sup>2</sup>  
Mariana Monteiro Gonçalves<sup>3</sup>  
Maiza Barbosa Caldeira<sup>4</sup>  
Rondinele Antunes de Araújo<sup>5</sup>

## Resumo

O transtorno do espectro autista é um transtorno do desenvolvimento que consiste em uma desordem neurobiológica e provoca prejuízos na interação social, na comunicação e na linguagem. Objetivou-se identificar os desafios enfrentados pelos profissionais de um centro especializado em reabilitação para tratar crianças autistas em uma cidade do norte de Minas Gerais. Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, realizado com 9 profissionais. Os dados foram coletados no mês de agosto de 2020 por meio de entrevista semiestruturada e analisados mediante análise temática. As dificuldades dos profissionais para prestar cuidados às crianças autistas são de natureza diversa, perpassam pela própria conduta a ser adotada no tratamento, questões familiares, dificuldades financeiras para obtenção de recursos pedagógicos adequados para estimulação da criança e a falta de habilidades dos professores para inclusão da criança no ambiente escolar. Os profissionais buscam amenizar as dificuldades por meio do aperfeiçoamento profissional, responsabilização da família com o tratamento, troca de experiências com outros profissionais e estabelecimento de planos de cuidados individualizados para o autista. Conclui-se que existem muitos aspectos que precisam ser trabalhados para oferecer um serviço de melhor qualidade à criança, que vai desde o engajamento da família no tratamento até a disponibilização de recursos pedagógicos mais adequados aos autistas.

**Palavras-chave:** pessoal de saúde; reabilitação; centros de reabilitação; transtorno autístico; transtorno do espectro autista.

## Abstract

Autism spectrum disorder is a developmental disorder that consists of a neurobiological disorder and causes impairments in social interaction, communication, and language. The objective was to identify the challenges faced by professionals at a specialized rehabilitation center to treat autistic children in a city in the north of Minas Gerais. This is a descriptive study with a qualitative approach, carried out with 09 professionals. Data were collected in August 2020 through a semi-structured interview and analyzed using thematic analysis. The difficulties of professionals to provide care to autistic children are of a different nature, permeating the very conduct to be adopted in the treatment, family issues, financial difficulties to obtain adequate pedagogical resources to stimulate the child, and the lack of skills of teachers to include the child in the school environment. The professionals seek to alleviate the difficulties through professional development, making the family responsible for the treatment, exchanging experiences with other professionals, and establishing individualized care plans for the autistic person. It is concluded that there are many aspects that need to be worked on to offer a better-quality service to the child,

<sup>1</sup> Mestre em Ciências pelo Programa de Tecnologia e Inovação em Enfermagem (EERP-USP). E-mail: ernandesgdias@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Verde Norte (Favenorte). E-mail: emillykamila@yahoo.com.br.

<sup>3</sup> Graduanda em Enfermagem pela Faculdade Verde Norte (Favenorte). E-mail: marianamonteiro037@gmail.com.

<sup>4</sup> Especialista em Docência na Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Coordenadora do Curso de Graduação em Enfermagem na Faculdade Verde Norte (Favenorte). E-mail: maizacaldeira@yahoo.com.br.

<sup>5</sup> Especialista em Auditoria em Saúde e Enfermagem do Trabalho e Docente na Faculdade Verde Norte (Favenorte). E-mail: rondineliantunes@yahoo.com.br.

ranging from family engagement in treatment to the availability of more adequate pedagogical resources for the autistic.

**Keywords:** health personnel; rehabilitation; rehabilitation centers; autistic disorder; autism spectrum disorder.

## Resumen

El trastorno del espectro autista es un trastorno del desarrollo que consiste en un trastorno neurobiológico y causa problemas en la interacción social, en la comunicación y en el lenguaje. El objetivo fue identificar los retos que enfrentan los profesionales de un centro de rehabilitación especializado en el tratamiento de niños autistas en una ciudad del norte de Minas Gerais. Se trata de un estudio descriptivo de orden cualitativo, realizado con 9 profesionales. Los datos se recopilaron en agosto de 2020 por medio de entrevista semiestructurada y se analizaron mediante análisis temático. Las dificultades de los profesionales para atender a los niños autistas son de naturaleza diversa, pasan por la conducta a adoptar en el tratamiento, cuestiones familiares, dificultades económicas para obtener los recursos pedagógicos adecuados para estimular al niño y la falta de habilidades de los profesores para incluir al niño en el entorno escolar. Los profesionales buscan paliar las dificultades a través del desarrollo profesional, de la inclusión de la familia en el tratamiento, del intercambio de experiencias con otros profesionales y del establecimiento de planes de atención individualizados para el autista. Se concluye que son muchos los aspectos que es necesario trabajar para poder ofrecer un servicio de mejor calidad al niño, que va desde el involucramiento de la familia en el tratamiento hasta la provisión de recursos educativos más adecuados para autistas.

**Palabras-clave:** personal de salud; rehabilitación; centros de rehabilitación; trastorno autístico; trastorno del espectro autista.

## 1 Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como autismo, é considerado uma psicopatologia relacionada ao desenvolvimento. É uma desordem neurobiológica com início precoce e curso crônico não degenerativo, causada por uma disfunção cerebral. Geralmente compromete crianças antes dos três anos de idade e está associada a comportamentos estereotipados. A cognição, a linguagem, a interação social e a comunicação do autista são dificultadas devido ao comprometimento do desenvolvimento motor e psiconeurológico (SANTOS; VIEIRA, 2017; ALMEIDA *et al.*, 2018).

Estima-se que existam mais de 70 milhões de pessoas portadoras de TEA no mundo e que é mais frequente no sexo masculino, na proporção de quatro vezes mais do que no sexo feminino. No Brasil, existe escassez de estudos epidemiológicos relacionados ao autismo que possibilitem a estimativa de dados fidedignos, no entanto, acredita-se que existam mais de dois milhões de brasileiros portadores de TEA e que 90% deles ainda não tenham sido diagnosticados adequadamente (MERLLETI, 2018).

Não há cura para o transtorno; o diagnóstico e a intervenção precoce podem amenizar os sintomas e melhorar o prognóstico. Geralmente os sintomas representam o núcleo da patologia e sua gravidade é variável. Sendo assim, o diagnóstico torna-se imprescindível e de alta complexidade (ARAÚJO *et al.*, 2019).

Embora tenham-se observado avanços nas pesquisas genéticas e biomédicas, há poucos

recursos instrumentais para diagnosticar o autismo; por esse motivo o diagnóstico é realizado por meio de observações clínicas, comportamentais e aplicação de testes específicos. Quanto mais cedo for identificado o transtorno, mais rápido será o tratamento, o que aumenta a possibilidade de desenvolvimento e adaptação — e conseqüentemente de melhor inserção nos âmbitos sociais (MACHADO *et al.*, 2016).

Os sinais do TEA costumam ser notados precocemente e o diagnóstico pode ser realizado por volta dos 18 meses de vida. É importante ressaltar que, para um correto diagnóstico e acompanhamento, a equipe deve atuar de forma interdisciplinar e englobar profissionais de psiquiatria, psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, pediatria, terapia ocupacional e do campo da neurologia (SILVA, 2018).

O tratamento para o TEA tem como finalidade desenvolver habilidades de interação social e a linguagem, a fim de tornar o portador funcional no menor tempo possível. É importante, também, que a criança autista seja incentivada a se comunicar, brincar e responder para que possa avançar em seu desenvolvimento (SILVA *et al.*, 2019).

Outra estratégia de tratamento é o auxílio medicamentoso, no intuito de diminuir alguns sintomas, contudo, os medicamentos não devem ser utilizados como único ou principal recurso terapêutico para a pessoa portadora de TEA; sempre devem vir associados a outras estratégias de cuidado (BRASIL, 2015).

Os transtornos autísticos ganharam maior visibilidade nos últimos anos, especialmente pela maior divulgação em mídia por familiares, movimentações políticas e sociais, as quais contribuem para melhor disseminação de informações em todas as esferas sociais; também a realização de especializações e estudos orientados a esse transtorno ampliaram a discussão (FERREIRA, 2018).

Os profissionais devem estar preparados para oferecer escuta qualificada, que aborde a história de vida, rotina, história clínica; devem criar vínculo com a família e a criança para que ela se sinta segura. Uma importante ação é a observação do portador de TEA em atividade livre, para perceber a forma como a criança se relaciona e comunica fora do consultório (LOPES, 2017).

Frente a essas considerações, o estudo tem como objetivo identificar os desafios enfrentados pelos profissionais de um centro especializado em reabilitação (CER) de crianças autistas.

## 2 Método

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa, realizado com nove profissionais de saúde atuantes em um CER de uma cidade do norte de Minas Gerais.

O CER é uma referência em reabilitação física, psicológica, intelectual, visual e auditiva e atende em média 132 pacientes por mês. A equipe de profissionais é composta por psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, fisioterapeuta, cirurgião dentista, psicopedagogo, nutricionista, médico clínico geral, oftalmologista, otorrinolaringologista e neurologista.

Foram considerados elegíveis para participar do estudo os profissionais atuantes no CER em estudo, que realizam atendimento direto ao usuário portador de TEA e sua família, no mínimo há seis meses. Foram excluídos os profissionais afastados do serviço por quaisquer motivos.

Em virtude da pandemia provocada pelo novo coronavírus, o acesso aos profissionais se deu por contato telefônico, informado pelo CER. O material empírico foi coletado no período de agosto a setembro de 2020, através de um roteiro de entrevista semiestruturada, aplicada individualmente ao informante de forma remota, como medida de prevenção à doença provocada pelo novo coronavírus.

A entrevista foi gravada em áudio por aplicativo de voz, posteriormente os dados foram transcritos na íntegra e analisados mediante “análise temática” na perspectiva de Braun e Clarke (2006) e discutidos a partir da revisão de literatura. O instrumento teve como questões norteadoras: quais são as dificuldades e/ou desafios enfrentados e/ou percebidos para tratar a criança portadora de TEA? De que forma você lida com as dificuldades encontradas?

Antes da realização das entrevistas, os informantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em formulário do Google Docs, para consentir o uso dos dados coletados. A identidade dos entrevistados foi resguardada com a substituição de seus nomes por pseudônimos acompanhados de um número cardinal, que indica suas respectivas idades.

Todos os procedimentos metodológicos obedeceram à Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto do estudo foi submetido ao instrumento de autoavaliação de projetos de pesquisa que envolvem seres humanos de Dias (2020) e à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes); foi aprovado sob o parecer consubstanciado número 4.154.034, CAAE: 34188720.4.0000.5146.

### **3 Resultados e discussão**

### 3.1 Caracterização do participante

Participaram do estudo nove profissionais de nível superior, com idade entre 27 e 45 anos, dois homens e sete mulheres, sendo uma enfermeira, um médico, duas fonoaudiólogas, três psicólogos, uma psicopedagoga e uma terapeuta ocupacional.

A análise do material possibilitou identificar dois temas de análise: “As dificuldades e desafios profissionais para tratar crianças portadoras de TEA” e “As estratégias para amenização das dificuldades do tratamento”.

### 3.2 As dificuldades e desafios profissionais para tratar crianças portadoras de TEA

Os profissionais têm dificuldades relacionadas à conduta no tratamento das crianças autistas. Muitas apresentam dificuldades mais acentuadas na comunicação e interação social, limitação cognitiva, seletividade de interesses; no entanto, o atraso na aquisição da linguagem é a dificuldade que mais compromete o tratamento.

*Dificuldades de comunicação, incapacidade cognitiva, dificuldades de interação social, dificuldades sensoriais, alteração de comportamento, movimentos estereotipados, seletividade, interesses restritos. Fernanda, 40.*

*A grande dificuldade é que cada criança tem sua característica individual, e conforme o grau de dependência do autismo: leve, moderado ou severo [...]. Débora, 27.*

*Existem inúmeras características que definem o indivíduo autista, porém o atraso na aquisição da linguagem é um dos pontos que mais dificultam o processo terapêutico. [...]. Letícia, 28.*

O portador de TEA possui manifestações comportamentais bem características; é possível observar, de forma clara, uma maior dificuldade na comunicação e interação social, visto que ainda existe uma gama de interesses e atividades extremamente restritas ao interesse do portador, que dificulta o tratamento (MERLLETI, 2018).

A criança autista apresenta problemas de linguagem e alterações de comportamento. O desenvolvimento da fala nessas crianças é lento, se não ausente. Caracteriza-se pela repetição daquilo que é dito por terceiros ou pela substituição das palavras por sons; normalmente são agitadas e não gostam de sair da rotina (SANTOS, F.; SANTOS, H.; SANTANA, 2016).

Os entrevistados também apontam como dificuldades no tratamento estabelecer uma conduta que responda à necessidade da criança, pela dificuldade de engajamento,

desconhecimento sobre o transtorno, sobrecarga dos pais e não aceitação por parte de alguns familiares.

*Diante da vivência nos atendimentos prestados a pessoas com TEA, visualizo como dificuldades o engajamento e aceitação de alguns familiares. Maria, 42.*

*[...] as famílias têm muita dificuldade em se envolver ativamente no processo de tratamento dos filhos, por várias questões, que vão desde a falta de instrução, até a não aceitação do diagnóstico ou sentimento de incapacidade, sobrecarga e dificuldade de lidar com os comportamentos apresentados pelas crianças. Leila, 36.*

*[...] existe a dificuldade da falta de tempo, há pais muito atarefados com seus respectivos empregos e que quase não dedicam seu tempo para o seu filho [...]. Carol, 33.*

O diagnóstico do autismo costuma ser bastante difícil para as famílias, o medo do desconhecido traz a dor da incerteza que, em grande parte dos casos, acaba por desconstruir o conceito de família idealizado pelos próprios pais. O diagnóstico é um desafio para ajustes de planos e expectativas, além da necessidade de intensa dedicação e adaptação aos cuidados necessários para o portador de TEA (SILVA *et al.*, 2019).

Na maioria dos casos, as pessoas, ao descobrirem que seu familiar é autista, não aceitam essa condição, porém é importante que a família admita a questão do autismo e procure ajuda através de pessoas que convivem com essa situação; também devem procurar conhecer e entender o transtorno (SANTOS, F.; SANTOS, H.; SANTANA, 2016).

É importante compreender e saber lidar com o transtorno, pois o comportamento, a comunicação ineficaz e o déficit cognitivo são os sintomas mais relacionados ao estresse parental. Ademais, algumas famílias também se deparam com dificuldades financeiras devido às despesas aumentadas com a terapia e a educação do autista, que afeta a dinâmica do grupo familiar (GOMES *et al.*, 2015).

Quando os responsáveis não trabalham fora de casa, acabam tomando para si as responsabilidades do trabalho doméstico e dirigem menos tempo a atividades de interação com a criança autista (SILVA, 2018).

Ainda foram apontadas dificuldades financeiras para obtenção, pela instituição, de recursos pedagógicos para estimulação da criança, ambiente físico inadequado e a falta de habilidade dos professores para inclusão da criança no ambiente escolar.

*Dentre as dificuldades podemos citar a falta de recursos pedagógicos, ambiente adequado [...]. As crianças com TEA geralmente necessitam de materiais diversificados que chamem atenção dos mesmos, muitas vezes os recursos utilizados com crianças típicas não apresentam bons resultados em crianças com TEA [...]. Célia, 31.*

*Dificuldades para comprar materiais pedagógicos para estimulação. Débora, 27.*

*A falta de profissionais [...] falta de conhecimento dos professores em como lidar com essas crianças e inseri-las de fato no ambiente escolar. Leila, 36.*

A homologação de leis que regem a inclusão da criança autista provoca transformações importantes na concepção de inclusão social na sociedade brasileira, visto que buscam não somente inserir os portadores do transtorno em sala de aula, mas, sobretudo, oportunizar a aprendizagem. Entretanto, somente a inserção do autista no ambiente escolar não garante aprendizagem adequada (FINK, 2018).

A formação dos profissionais da educação deve contribuir para a construção de conhecimento, com práticas educacionais que propiciem o desenvolvimento sociocognitivo de estudantes portadores de TEA; contudo, existem limitações na formação desses profissionais (BATTISTI; HERK, 2015).

Parte significativa dos professores das redes de ensino continuam “não preparados” para desenvolver estratégias de ensino diversificado, porém, o aluno com necessidades especiais está na escola e cabe a cada um encarar esse desafio de forma a contribuir para que, no espaço escolar, aconteçam avanços e transformações (FINK, 2018).

Isso se refere aos alunos que possuem acesso a serviços de educação, pois nem todos o conseguem, visto que a sua permanência no sistema de ensino é incerta. O atendimento educacional especializado é pouco abrangente e sua progressão para níveis e etapas superiores ainda é muito diferente daquela apresentada por alunos que não possuem transtorno ou dificuldades especiais (LIMA; LAPLANE, 2016).

A falta de recursos e a dificuldade dos professores pode afetar a permanência das crianças autistas na escola. A falta de recursos de acessibilidade tem relação com a questão financeira, porém, o professor pode utilizar recursos mais acessíveis e conseguir garantir o acesso de seu aluno à aprendizagem (BATTISTI; HERK, 2015).

### 3.3 As estratégias para amenização das dificuldades do tratamento

As estratégias para contenção das dificuldades do tratamento baseiam-se na busca por conhecimento e aperfeiçoamento profissional, a fim de superar as barreiras naturais do autismo, inclusão e responsabilização da família com o tratamento, troca de experiências com outros profissionais e estabelecimento de planos de cuidados individualizados para o portador de TEA.

*[...] o que tento é sempre estar buscando conhecimento através de leituras, troca com outros profissionais da área e especializações. Leila, 36.*

*Procuro sempre estudar/atualizar sobre o assunto, faço bastante orientações aos pais ou responsáveis sobre a importância das estimulações em casa e comprometimento em ir nas terapias [...]. Célia, 31.*

*[...] criar um plano individualizado e personalizado a fim de explorar todas as suas potencialidades levando em consideração os diversos fatores, incluindo o nível de gravidade dos sintomas e a disponibilidade e adesão da família ao tratamento. Letícia, 28.*

*Desenvolvimento de estratégias terapêuticas direcionadas a reestruturar e compensar as perdas funcionais, como também prevenir ou retardar uma possível deterioração da capacidade funcional. Fernanda, 40.*

O medo de lidar com a criança autista é considerado por muitos profissionais uma grande dificuldade; muitos deles não sabem como compreender o mundo do autista, o que resulta em poucas intervenções e cuidados. Algumas dificuldades são encontradas já na aproximação com a criança, como a dificuldade de comunicação, em conquistar confiança e criar vínculos. Diante disso, torna-se indispensável a preparação dos profissionais para lidar com os autistas (SILVA *et al.*, 2019).

A atuação integrada de profissionais como psicólogos, enfermeiros, médicos, fonoaudiólogos e professores na dinâmica familiar proporciona melhoria na qualidade de vida e na capacidade dos cuidadores e dos próprios profissionais que tratam o portador de TEA (GOMES *et al.*, 2015).

Entende-se que, para oferecer um tratamento eficaz, é necessário buscar constantemente conhecimento sobre o autismo, pois além de toda a experiência adquirida através do contato profissional e as vivências do seu próprio dia a dia, maximizar o conhecimento e seus métodos ajuda a desenvolver habilidades necessárias para trabalhar em conjunto com a família e com a equipe (CÂNDIDO, 2015).

O profissional precisa estar qualificado e criar estratégias de intervenções para estabelecer laços de confiança e segurança com a criança. Seus cuidados precisam resultar em estímulos e, assim, causar impactos positivos, para que a criança se sinta segura a comece a desenvolver a comunicação e o convívio social (MELO *et al.*, 2016).

Independentemente da linha ou método de cuidado adotado, o tratamento deve ser iniciado precocemente. É importante estruturar um plano de ação individualizado e personalizado, sensível às necessidades de cada criança, com o objetivo de dar eficiência ao tratamento. Desse modo, as intervenções devem ser aplicadas com maestria para reduzir comportamentos inadequados e minimizar as adversidades e prejuízos presentes no desenvolvimento da criança (CÂNDIDO, 2015).

#### 4 Considerações finais

As dificuldades dos profissionais para prestar cuidados às crianças portadoras de TEA são de natureza diversa. Perpassam pela própria conduta a ser adotada no tratamento, em função da variação nos graus de dependência das crianças, de questões familiares, de dificuldades financeiras para obtenção de recursos pedagógicos adequados e a falta de habilidades dos professores para inclusão da criança no ambiente escolar. Assim, busca-se atenuar as dificuldades por meio do aperfeiçoamento profissional, da participação da família no tratamento, da troca de experiências com outros profissionais e do estabelecimento de planos de cuidados individualizados para o portador de TEA.

Percebe-se que existem muitos aspectos que precisam ser trabalhados para oferecer um serviço de melhor qualidade ao autista, que vão desde o engajamento da família no tratamento até a disponibilização de recursos pedagógicos mais adequados. Espera-se que este estudo contribua para orientar futuros profissionais sobre os desafios de se trabalhar com o público autista, visto que foram apresentadas as dificuldades encontradas no seu tratamento.

#### Referências

ALMEIDA, S. S. A. *et al.* **Transtorno do espectro autista**. Residência Pediátrica, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 72-78, 2018.

ARAÚJO, L. A. *et al.* **Transtorno do Espectro do Autismo**. Sociedade Brasileira de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p. 1-24, 2019.

BATTISTI, A. V.; HECK, G. M. P. **A inclusão escolar de crianças com autismo na educação básica: Teoria e prática**. 2015. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Atenção à Saúde**. Departamento de Atenção Especializada e Temática. Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2015.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology*, [s. l.] v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 26 ago. 2020.

CÂNDIDO, F. R. **Tecnologias assistivas e inclusão escolar: o uso do software GRID2 no Atendimento Educacional Especializado a estudante com autismo em escola pública do Distrito Federal**. 2015. 238 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

DIAS, E. G. **Proposta de instrumento para autoavaliação de projetos de pesquisa envolvendo seres humanos**. *Rev. Grad. USP, São Paulo*, v. 4, n. 1, p. 139-145, jul., 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-376X.v4i1p139-145>. Acesso em: 25 maio 2021.

FERREIRA, A. C. S. S. **Conhecimento dos estudantes de enfermagem sobre os transtornos do espectro do autismo**. 2018. 20 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

FINK, I. C. **Autismo e educação: possibilidades e estratégias de inclusão**. 2018. 43 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018.

GOMES, P. T. M. *et al.* **Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática**. *Jornal de Pediatria, Rio de Janeiro*, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.

LIMA, S. M.; LAPLANE, A. L. F. **Escolarização de alunos com autismo**. *Rev. Bras. Ed. Esp., Marília*, v. 22, n. 2, p. 269-284, 2016.

LOPES, C. N. N. *et al.* **Conhecendo o transtorno do espectro autista**. Cartilha institucional, João Pessoa, p. 1-26, 2017. Disponível em: [https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha\\_espectro\\_autista.pdf](https://estudante.ifpb.edu.br/static/files/cartilha_espectro_autista.pdf). Acesso em: 21 ago. 2020.

MACHADO, F. P. *et al.* **Respostas parentais aos sinais clássicos de autismo em dois instrumentos de rastreamento**. *Communication Research, São Paulo*, v. 21, e1659, 2016.

MELO, C. A. *et al.* **Identificação do papel do enfermeiro na assistência de enfermagem ao autismo**. *Mostra Interdisciplinar do Curso de Enfermagem, Quixada – CE*, v. 2, n. 2, dez. 2016.

MERLLETI, C. **Autismo em causa: historicidade diagnóstica, prática clínica e narrativas dos pais**. *Psicologia USP, São Paulo*, v. 29, n. 1, p. 146-151, 2018.

SANTOS, R. K.; VIEIRA, A. M. E. C. S. **Transtorno do espectro do autismo (TEA): do reconhecimento à inclusão no âmbito educacional**. *Revista Includere, Rio Grande do*

Norte, v. 3, n. 1, p. 219-232, 2017.

SANTOS, F. C.; SANTOS, H. C.; SANTANA, M. J. **O processo de aprendizagem de crianças autistas**. 2016. 12 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de São Luís de França, Aracaju, 2019.

SILVA, M. F. B. **Diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista – TEA**. Definição de critérios e considerações sobre a prática. Revista online IPOG, Goiânia, v. 1, n. 5, p. 1-15, 2018. Disponível em:  
<https://assets.ipog.edu.br/wpcontent/uploads/2019/12/07013917/marcia-fernandes-borges-da-silva-psflo002-1211541.pdf>. Acesso em: 26 maio 2020.

SILVA, S. A. *et al.* **Conhecimento da equipe interprofissional acerca do autismo infantil**. Research, Society and Development, [s. l.], v. 8, n. 9, e07891250, 2019. Disponível em:  
<https://doi.org/10.33448/rsd-v8i9.1250>. Acesso em: 09 nov. 2020.